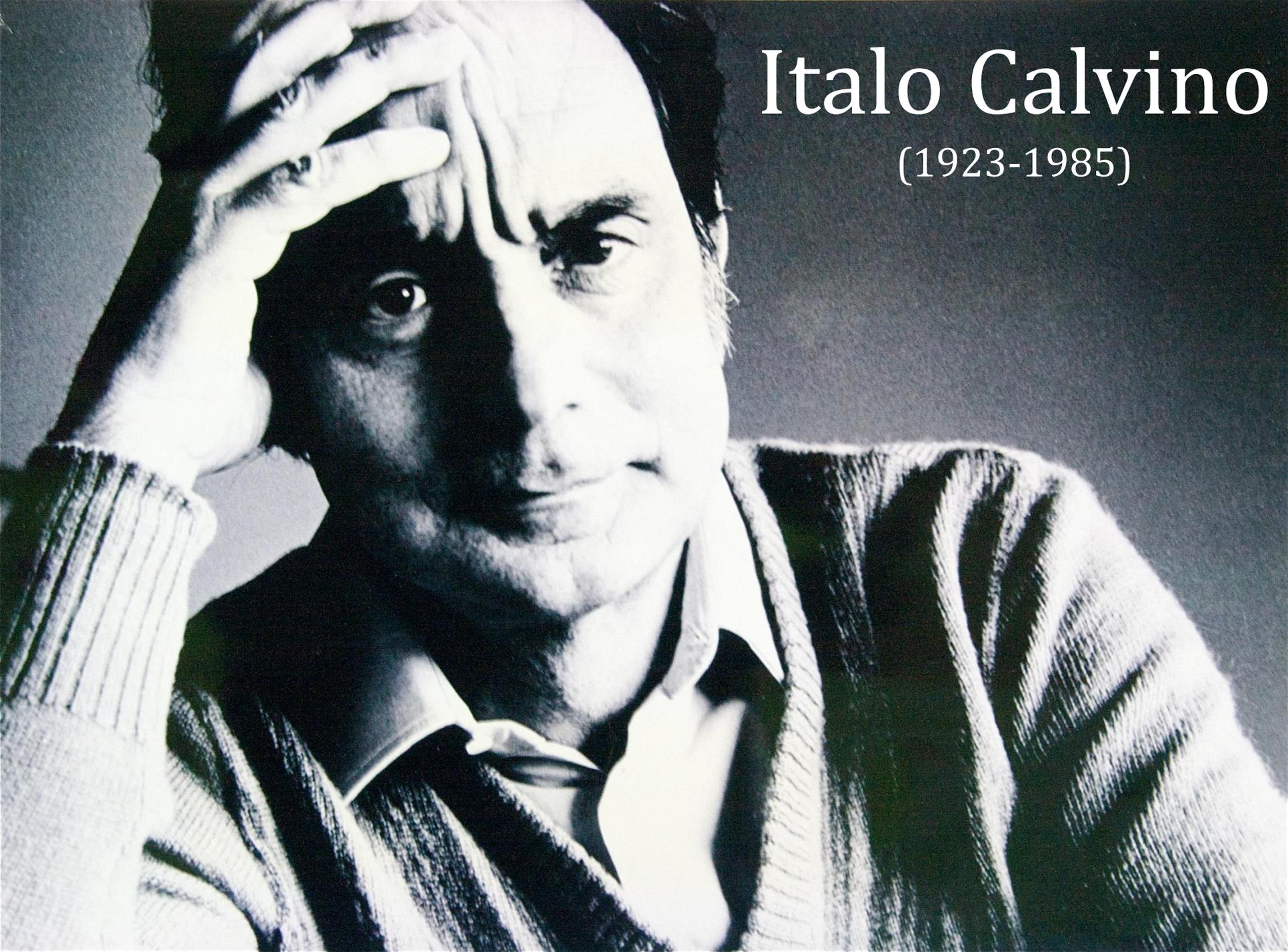




# **A CIDADE E AS TROCAS**

A CIDADE E AS TROCAS

**Trabalho realizado por:** Guilherme Sobral 20141474 Turma A  
Paulo Azenha 20141320 Turma B  
MIUrbanismo



Italo Calvino

(1923-1985)

Passa-se no Século XIII

Viagem 30 meses

Marco Polo permanece 17 anos nas terras do Imperador dos Tártaros

Funções de Diplomata



# AS CIDADES INVISÍVEIS

# As Cidades e as Trocas

Cidade como espaço de Troca

Compra e venda, contacto entre indivíduos, espaço que os rodeiam

Eufémia, Cloé, Eutrófia, Ersília, Esmeraldina



# Eufémia

Trocas comerciais

Troca e partilha de Memórias



# Cloé

Ideia de grande cidade

Cruzamento de pessoas desconhecidas

Solidão e tristeza gerada nas grandes metrópoles

Os locais de paragem



# Eutrópia

Várias cidades numa só

Igualdade entre cidades

Uma das cidades é habitada e o restante espaço está vazio

Quando se sentem cansados mudam de cidade e de rotina



# Ersília

Troca de espaço mantendo a relação entre indivíduos

Troca de vivências e memórias

A cidade como local de passagem



# Esmeraldina

Só existem duas formas de chegada

Inúmeros percursos no seu interior

Criação de novos percursos à medida das necessidades

Três tipos de habitantes: os ratos, os gatos e as andorinhas



## ***As Cidades Invisíveis – Le città invisibili***

**Ítalo Calvino**

Ítalo Calvino nasceu em Santiago de las Vegas, nos arredores de Havana (Cuba), a 15 de outubro de 1923. Viveu a maior parte da sua vida em Itália e faleceu a 19 de setembro de 1985. O escritor estudou em San Remo, ingressando então na Resistência contra o fascismo e a ocupação nazi, depois de aderir ao Partido Comunista, que abandonou em 1957. Após a Segunda Guerra Mundial ter terminado, instalou-se em Turim, começando a trabalhar na Einaudi, que depressa se transformou numa das principais editoras italianas do pós-guerra. Concluiu a sua licenciatura em Letras, ainda trabalhava na Einaudi (onde era um importantíssimo consultor literário). Com algumas obras, publicadas desde 1947 deu início a uma surpreendente carreira literária, que viria a consagrá-lo como um dos maiores escritores italianos do século XX. Calvino publicou a obra literária *As Cidades Invisíveis* em 1972, quando tinha 49 anos de idade, uma das grandes influências para o autor foi o Realismo Mágico que na época estava no auge na América Latina. Nesta obra, Calvino faz acontecer um diálogo fantástico entre Kublai Kan, o imperador dos tártaros, e um jovem descobridor veneziano, Marco Polo, também conhecido por ser o maior viajante de todos os tempos. A história acontece no século XIII quando Marco Polo chega ao império de Kan, após ter viajado aproximadamente 30 meses. O jovem descobridor incansável permanece nas terras do imperador dos tártaros durante 17 anos, desempenhando funções de diplomata. *As Cidades Invisíveis* apresenta-se como uma série de relatos da viagem por 55 cidades, desempenhados por Marco Polo a Kublai Kan, que o ouvia na esperança de construir um império baseado nesses mesmos relatos após ter-se apercebido de que os seus poderes ilimitados contavam pouco num mundo que caminha em direção à ruína. Melancólico por não poder ver com os seus próprios olhos toda a extensão do seu domínio, Kan ouve as histórias do jovem veneziano com maior atenção e curiosidade do que a qualquer outro seu enviado ou explorador, histórias estas imaginárias. Este livro está constituído por esses mesmos relatos, curtos e divididos entre os tópicos: as cidades e a memória, as cidades e o desejo, as cidades e os sinais, as cidades subtis, as cidades e as trocas, as cidades e os olhos, as cidades e o nome, as cidades e os mortos, as cidades e o céu, as cidades contínuas e as cidades ocultas.



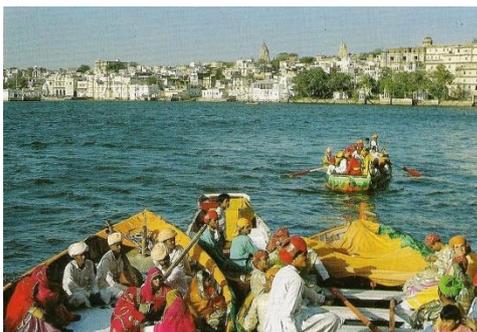
## *As cidades e as trocas*

Ao ler o tema *As cidades e as trocas*, somos levados a olhar sobre uma cidade como um espaço de troca, de compra e venda, mas não apenas trocas comerciais, também aquelas que se estabelecem no contacto entre indivíduos ou entre um indivíduo e o espaço que o rodeia. Ao longo das descrições correspondentes às cidades que compõem este tema, podemos refletir sobre as trocas de memória ou apenas o desejo de as partilhar, as trocas de rotinas entre indivíduos e sobre as trocas de percursos.

- ***Eufémia***

*«(...) Eufémia, onde se reúnem os mercados de sete nações a cada solstício e equinócio.(...) Não é só a vender e a comprar que se vem a Eufémia, mas também porque à noite junto das fogueiras à volta do mercado (...) os outros contam cada um a sua história (...) E sabemos que na longa viagem que nos espera, quando para ficarmos acordados com o balançar do camelo ou do junco nos pomos a repensar em todas as nossas recordações uma a uma, o nosso lobo ter-se-á transformado noutra lobo, a nossa irmã numa irmã diferente, a nossa batalha noutras batalhas, no regresso de Eufémia, a cidade em que se trocam memórias a cada solstício e a cada equinócio.» (Ítalo Calvino)*

Em Eufémia, o autor aborda sobre as trocas comerciais estabelecidas entre os indivíduos. Mas também a troca e a partilha de memórias que surge então, num espaço de reunião, em torno de uma fogueira à volta do mercado, é aqui que os indivíduos vão vendo as suas histórias nas histórias dos outros. Esta cidade pode ser por exemplo comparada a Calcutá, uma cidade que é também conhecida pelo seu carácter mercantil que reuniu através do mercado, várias nações.



Mercado de las flores de Calcutá

- **Cloé**

*«Em Cloé, grande cidade, as pessoas que passam pelas ruas não se conhecem. Ao verem-se imaginam mil coisas umas das outras, os encontros que poderiam verificar-se entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as ferroadas. Mas ninguém dirige uma saudação a ninguém, os olhares cruzam-se por um segundo e depois afastam-se, procurando novos olhares, não param.» (Ítalo Calvino)*

Com a descrição feita pelo autor somos levados a pensar que Cloé é uma grande cidade, que o cruzamento entre duas determinadas pessoas desconhecidas acontece uma única vez e não mais se volta a repetir. É descrita a solidão e a tristeza gerada nas grandes metrópoles, no meio da multidão. No entanto, em Cloé os locais de paragem despertam nos indivíduos a fantasia, os sonhos. Podemos comparar esta cidade a Nova Iorque.



Nova Iorque

- **Eutrópia**

*«Eutrópia é não uma mas sim todas estas cidades juntas; uma só é habitada, as outras estão vazias; e isto faz-se por rotação. Vou contar como. No dia em que os habitantes de Eutrópia se sentem atacados pelo cansaço, e já ninguém suporta o seu ofício, os parentes, a casa e a rua, as dívidas, a gente que deve cumprimentar ou que o cumprimenta, então todos os cidadãos decidem transferir-se para a cidade vizinha que está ali à espera, vazia e como nova, onde cada um tomará outro ofício, outra mulher, verá outra paisagem ao abrir a janela, passará as noites com outros passatempos amizades maledicências. Assim a sua vida renova-se de mudança em mudança, entre cidades que devido à exposição ou ao declive ou aos cursos de água ou aos ventos se apresenta cada uma com qualquer diferença das outras. Sendo a sua sociedade ordenada sem grandes diferenças de riqueza ou de autoridade, as passagens de uma função para outra dão-se quase sem abalos; a variedade é assegurada pelas múltiplas incumbências, de tal modo que no espaço de uma vida raramente se regressa a um ofício que já tenha sido o seu. Assim a cidade repete a sua vida sempre igual deslocando-se para baixo e para cima sobre o seu tabuleiro de xadrez vazio». (Ítalo Calvino)*

Entrando no território que tem Eutrópia como capital, podemos compreender que o autor vê esta cidade como muitas cidades, de igual grandeza e não diferentes umas das outras, esta única cidade (Eutrópia) é ao mesmo tempo muitas cidades, uma só habitada e as restantes vazias. Sendo assim, no dia em que todos os habitantes se sentirem cansados, tristes e já não suportarem o seu ofício, os parentes, a casa, as dívidas ou até a rua e decidam mudar as suas vidas, podem fazê-lo, transferindo-se então todos os habitantes dessa cidade para outra, onde possam mudar de vida, de parceiros, de trabalho, onde possam ver uma cidade nova, uma paisagem diferente ao abrir a janela. Mas esta troca só é possível numa sociedade onde não existem diferenças sociais, económicas ou políticas, numa sociedade perfeita, sem hierarquias e onde impera a igualdade. Outro exemplo pode ser as trocas de pessoas, ou seja, a emigração entre países onde a mesma pessoa pode trocar as suas funções e até mesmo começar um rumo de vida novo. Isto é possível verificar, principalmente, nos países da Europa. Outro exemplo pode ser as trocas de pessoas, ou seja, a emigração entre países onde a mesma pessoa pode trocar as suas funções e até mesmo começar um rumo de vida novo. Isto é possível verificar, principalmente, nos países da Europa.

- **Ersília**

*«Quando os fios são tantos que já não se pode passar pelo meio deles, os habitantes vão-se embora: as casas são desmontadas; só restam os fios e os suportes dos fios. (...) Assim viajando no território de Ersília encontramos as ruínas das cidades abandonadas, sem as muralhas que não duram, sem as ossadas dos mortos que o vento faz rebolar: teias de relações intrincadas que procuram uma forma.» (Ítalo Calvino)*

Nesta cidade, os fios simbolizam as relações estabelecidas entre os indivíduos, a troca de vivências, de memórias... A estrutura da cidade pode modificar-se, os edifícios são construídos e “deitados abaixo”, as pessoas vão se embora, mas jamais as relações representadas pelos fios desaparecem, vão permanecer sempre as marcas do que ali se passou. A cidade é desenhada pelos lugares de passagem (ruas) e pelos lugares de paragem (praças), e é apresentada como consequência da permanência de uma estrutura social, em oposição à cidade anterior do mesmo tema. Com isto é possível comparar a cidade de Lisboa na data do terramoto de 1755 em que consistiu na reconstrução de maior parte da cidade, mas a vivência permaneceu e as relações permaneceram. Com isto é possível comparar a cidade de Lisboa na data do terramoto de 1755 em que consistiu na reconstrução de maior parte da cidade, mas a vivência permaneceu e as relações permaneceram.

- **Esmeraldina**

*«Para ir de um sítio a outro há sempre a opção entre o percurso terrestre e o de barco: e como a linha mais curta entre dois pontos em Esmeraldina não é a recta mas sim um ziguezague que se ramifica em tortuosas variantes, as ruas que se abrem a cada transeunte não são apenas duas mas muitas, e ainda aumentam mais para quem alternar trajectos de barco com transbordos em terra firme. (...) Assim poupa-nos o tédio de percorrer todos os dias as mesmas ruas aos habitantes de Esmeraldina. Um mapa de Esmeraldina deveria compreender, assinalados a tinta de cores diferentes, todos estes traçados, sólidos e líquidos, à vista e ocultos». (Ítalo Calvino)*

Para chegar a esta cidade, apenas existem duas formas, mas inúmeras para a percorrer. Em Esmeraldina o autor faz-nos refletir sobre a multiplicidade do percurso, é constante a procura de um novo itinerário, mesmo que seja para chegar aos mesmos lugares. Ao descrever esta cidade o autor valoriza a descrição do caminho, os percursos dos habitantes e o modo de percorrer a cidade. Os indivíduos escolhem o caminho a percorrer pela sua originalidade. Na cidade Esmeraldina podemos identificar três tipos de habitantes distinguidos pelo modo como a percorrem: no subterrâneo, à superfície e o aéreo. Deste modo, podemos então perceber que cada personagem apresenta um espaço específico de circulação.

Tal como afirma o autor, Veneza está presente em todas as narrativas da obra, no entanto é entre Esmeraldina e Veneza que obtemos a maior comparação.



Veneza